

NGAPA

Noemi Alfieri

Práticas da História, n.º 20 (2025): 245-249

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDB/04666/2020), UIDP/04666/2020 (https://doi.org/10.54499/UIDP/04666/2020), UID/4666/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04666/2025), UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020, UID/4209/2025 (https://doi.org/10.54499/UID/04209/2025) and LA/P/0132/2020 (DOI: https://doi.org/10.54499/LA/P/0132/2020)

NGAPA

por Noemi Alfieri*

https://www.revistangapa.com
ngapa@revistangapa.com

Gostaríamos de começar por pedir-vos que se apresentem e que introduzam brevemente o vosso projecto (objectivos e público-alvo).

Lançada em Luanda em Julho de 2024, a *NGAPA* é uma revista quadrimestral que pretende reflectir os desejos do mundo contemporâneo através da literatura, das artes plásticas e performativas (design gráfico, ilustração, fotografia, música, cinema, teatro, etc.) e de ensaios políticos e jornalísticos.

A publicação é propriedade da Kacimbo Editora, e é um veículo de divulgação e discussão de Angola, sobre Angola no mundo e sobre o mundo em Angola. Para tal, é prioridade absoluta estabelecer diálogos com esse mesmo "mundo", especialmente (mas não só) como o Sul global.

O nosso público-alvo inclui naturalmente artistas, pensadores ou estudantes, mas não se restringe (nem queremos restringi-lo) a estes segmentos. Queremos que a *NGAPA* permeie todas as barreiras sociológicas e de classe, e que se torne uma plataforma em que tenha lugar toda e qualquer pessoa dentro e/ou fora de Angola que ambicione participar em discussões e diálogos críticos, abertos e multidisciplinares sobre temas da contemporaneidade.

* Noemi Alfieri (noemialfieri@fcsh.unl.pt). https://orcid.org/0000-0002-0914-273X. CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Av. de Berna 26C, 1069-061, Lisboa, Portugal.

De que forma é que julgam que o vosso projecto contribui para a construção e disseminação de narrativas históricas sobre os povos do continente africano e das suas diásporas?

Somos um espaço em que os nossos colaboradores contam as suas próprias histórias (visuais ou escritas) e expressam as suas opiniões com absoluta liberdade. Neste sentido, não há melhor forma de ser fiel às nossas narrativas que dar voz às pessoas e aos seus pensamentos. A diáspora participa activamente na revista, parte da própria equipa vive noutros países (México, Itália e Portugal).

No entanto, cabe dizer que encaramos o conceito "diáspora" de forma diferente. No questionamento das nossas realidades interligadas, que propomos, incluímos nesta "diáspora" da *NGAPA* não só os angolanos ou africanos que vivem fora do país ou do continente, mas toda a pessoa (angolana ou não, africana ou não), cujo pensamento contribui para a discussão sobre nós mesmos, e o nosso lugar e papel no mundo. A *NGAPA* não é uma revista angolana, sobre tradição, passado ou histórias angolanas. Há que quebrar o paradigma e as limitantes do conceito de país/nação que para nós, mais além de nos identificar e "dar casa", é uma armadilha que nos isola e debilita.

De que forma é que o vosso trabalho desafia ou transforma a forma como o passado africano e diaspórico é representado e lembrado no espaço público, incluindo no meio digital? Qual será a urgência desse trabalho na sociedade contemporânea, e quais os seus impactos no tecido social e no sentido da elaboração de uma consciência histórica?

Como referimos acima, a *NGAPA* tenta mudar este paradigma. Fazemo-lo de duas formas: a primeira, quebrando o conceito algo exógeno de "passado africano" – pesado, redutor, afunilado – analisando-o como parte de um contexto maior que o continente em si, e onde tanto a individualidade como o colectivo têm uma palavra a dizer. A segunda forma, de alguma maneira relacionada, é tentar escavar os temas que nos propomos

abordar na busca de perspectivas, ligações e relações fora das narrativas tradicionais. Queremos esquivar os erros que, ao longo do tempo, têm afectado em Angola a representação de nós para nós: superficialidade na análise, militância (de todos os tipos), politização, opinião por imitação, conceitos estanques (como "tradição africana", "africanidade", etc.) e aquela noção limitante e que nos vem sendo induzida constantemente de que somos uma realidade única, impermeável ao exterior, autista e sem vínculos externos, se não os que criamos com o nosso próprio umbigo.

Que os desafios é que **têm encontrado nesse processo de reconstrução e narração colectiva do passado, mas também na digitalização, preservação e acesso a materiais históricos e culturais? Quais as vossas estratégias para assegurarem que os vossos conteúdos chegam ao público geral, mantendo-vos fiéis à vossa vocação?**

Os desafios prendem-se, em primeiro lugar, com a própria concepção da revista em termos conceituais. Somos uma equipa multidisciplinar com metas bem definidas, mas somos fruto das tais narrativas hegemónicas que tentamos desconstruir. A preparação de cada edição é uma apaixonante desconstrução e reconstrução de ideias, pensamentos, narrativas que ajudam a definir a linha orientadora da edição.

O segundo desafio é transmitir a nossa visão aos colaboradores, de forma a que a edição reflicta essa ideia original. É uma etapa bastante interessante que leva a outras discussões que ampliam, muitas vezes, o próprio espectro editorial inicialmente definido (cumprindo, desde a etapa de produção, o objectivo de gerar pensamento).

Usamos várias plataformas, sobretudo a página *web*, as redes sociais, eventos da Kacimbo, ou o sempre eficaz "boca-a-boca", para fazer chegar os nossos conteúdos ao público em geral.

Desde a edição 1, temos também apostado numa dinâmica de "rodas de conversa" e eventos paralelos nos quais os conteúdos da *NGAPA* são o mote de debates, criando espaços até agora praticamente inexistentes, de discussões abertas, críticas e francas, que criam uma dinâmica interessante e frutífera.

O vosso trabalho procura desafiar imaginários históricos e culturais estabelecidos. De que maneira é que **a dimensão digital pode contribuir para reconfigurar as memórias colectivas sobre o passado africano? O que resta fazer fora do digital, nas ruas, nas escolas, nas casas?**

O digital tem uma voz cada vez mais potente que reconfigura e amplifica as narrativas, sim, mas sobretudo do presente e do futuro. O "passado africano" não é estanque porque, como qualquer passado, é uma construção política e ideológica, que há que pôr em xeque. Neste sentido, o digital dá um passo em frente. As vozes que dominam esse espaço soltam-se pouco a pouco dessas amarras de um passado traumático – colonialista, conflito civil, sistema político unipartidário, etc. – para pensar sobretudo o agora, e o lugar do indivíduo (através de colectivos) no espaço físico, rompendo a ligação umbilical das gerações anteriores com o peso do factor político e do passado na sua forma de estar, pensar e criar.

Fora do digital, ainda mais em países como o nosso onde o acesso às tecnologias de informação ainda é altamente restrito, falta ir às ruas, às escolas, às casas. Como referido na resposta anterior, a *NGAPA* já organizou eventos em associações culturais nos bairros de Luanda, ou em espaços de reunião de leitores. No nosso contexto, pensamos, é a forma mais eficaz de chegar a quem queremos – a todos.

Como imaginam a evolução do vosso projecto nos próximos anos? Que impacto gostariam que tivesse na sociedade?

A revista apenas começa, mas acreditamos que possa evoluir para uma publicação muito mais consistente a todos os níveis, incluindo produção e estrutura que a sustenta. Queremos uma revista mais profunda, onde colaboradores angolanos e não só gerem pensamento que nos confronte, como um espelho de vários prismas, onde cada imagem reflectida tenha nuances novas, e que seja relevante na compreensão de nós e do mundo.

Para tal, queremos abrir ainda mais a revista a criadores de diferentes origens, divulgar novos talentos, dar voz a quem tem algo novo, diferente e sentido a dizer, e que ponha em causa os próprios pressupostos da equipa. O impacto que isso pode ter na sociedade, caberá a cada indivíduo implicado neste movimento decidir.

Para concluir: querem sugerir um livro, um filme, uma música?

Música: "A Town" (música de Ohali; letra de Toy Boy). É a "banda sonora" da edição 1 da *NGAPA*, e para a qual estamos a criar um videoclipe (https://www.revistangapa.com/artigos/a-town).

Livro: *Caricatura*, de Gil H. Saurana. É um romance que retrata um dos episódios mais marcantes da história política de Angola: o escândalo envolvendo uma caricatura oferecida ao então presidente José Eduardo dos Santos, em 1982. A narrativa detalha os bastidores desse acontecimento, desde a sua concepção até às duras consequências para os envolvidos.

Documentário: *Fuckin' Globo*, de Kamy Lara. Em 2015, um grupo de artistas decide ocupar os quartos de um antigo hotel, na baixa de Luanda. Nasce assim o evento de arte multidisciplinar Fuckin'Globo, onde artistas independentes transformam os quartos do Hotel Globo em espaços expositivos únicos, numa produção artística que rejeita qualquer patrocínio ou apoio institucional. Este posicionamento radical deu lugar a uma abordagem livre e audaciosa sobre temas culturais, sociais e políticos, com obras criadas especificamente para o evento.

Referência para citação:
Alfieri, Noemi. "*NGAPA*". *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 20 (2025): 245-249. https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n20.41973.